

## INDISCIPLINA E COMPORTAMENTO DE GRUPO EM SALA DE AULA

MARCOS ANTONIO SCHIAVON<sup>1</sup>; PROF. DR. MANOEL LUÍS CARDOSO  
VASCONCELLOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – ratoborg@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – manoel.vasconcellos@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

Animais, de um modo geral, procuram andar em grupos, seja por questões de sobrevivência, somente pela segurança ou até mesmo como uma forma de passar os genes adiante. Com os seres humanos, evidentemente, não é diferente. Fazemos parte de vários grupos, no trabalho, nas redes sociais e, é claro, o grupo da família. Mesmo que não saibamos estamos inseridos em outros grupos, colocados, às vezes, de forma inconsciente.

Quando somos jovens, desde nossos primeiros anos na vida escolar, nos aproximamos de forma espontânea de colegas com os quais sentimos que temos alguma afinidade. Desta forma, grupos acabam se formando e, não raras vezes permanecem por toda a vida escolar.

Mas, e quando nos aproximamos de pessoas ou grupos já existentes, com outros interesses? Às vezes, isso acontece por uma necessidade de segurança e outras por carência de visibilidade e popularidade no ambiente escolar, o que geralmente provoca também a exclusão de outros tantos. Estes grupos, não raramente são responsáveis pelo *bullying* a outros que estão fora do grupo, mas isso já foi exaustivamente debatido.

Para fundamentar teoricamente este trabalho utilizarei SANTO AGOSTINHO (2014), autor que me possibilita um trabalho mais aprofundado na Filosofia Medieval. E também PETERSON (2017) e SAPOLSKY (2008), que trazem uma perspectiva tanto do âmbito da linguagem, quanto da psicologia.

### 2. METODOLOGIA

Observando a maneira como os alunos, em quantidade significativa, procuram fazer parte de grupos no ambiente escolar, aliado às impressões

obtidas recentemente em meu estágio, realizado em escola pública, às anotações referentes ao mesmo, e também, é claro, pela lembrança de experiências pessoais dos tempos em que fui aluno, procuro apresentar algumas reflexões sobre o assunto. Por estes motivos esta pesquisa é qualitativa, do tipo estudo de caso, utilizando dados coletados nos locais antes citados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quero referir-me aqui ao comportamento destes grupos, mais especificamente ao que acontece com os indivíduos que deles fazem parte, quando estão acompanhados dos outros, ou não, em sala de aula.

Penso que é de conhecimento geral que, em determinados casos, uma pessoa que, estando sozinha, não seria capaz de praticar alguns atos, ao estar acompanhada de outros, muda de comportamento e pratica tais atos como se fossem normais. É comum vermos isso em grandes aglomerações de pessoas, como manifestações, protestos, torcidas de futebol e tantos outros.

No ambiente escolar não é diferente. Alguns alunos usam uma suposta ideia de proteção que o grupo passa a eles e começam a ter comportamentos indisciplinados e até violentos em sala de aula, como forma de afirmação ou liderança dentro do grupo. Assim, vemos os inúmeros casos de desrespeitos e agressões que os professores vêm sofrendo há alguns anos. É bem verdade que muitos destes alunos já são problemáticos até mesmo no ambiente familiar, mas em outros casos o que se houve é que eram boas crianças ou adolescentes que, em condições normais, não praticariam tais atos agressivos.

Mas nada disso é totalmente novo para o ser humano. Para colocar o assunto em uma abordagem filosófica, farei uso das palavras de Santo Agostinho que, em sua obra “As confissões”, no livro II, capítulo quatro, nos conta sobre o furto de algumas peras que ele fizera juntamente com alguns amigos, evidenciando que, de maneira alguma precisava roubar e que tinha cometido tal ato por maldade.

[...] E eu quis roubar; roubei não instigado pela necessidade, mas somente pela penúria, fastio de justiça e pelo excesso de maldade. Tanto é assim que furtei o que tinha em abundância e em muito

melhores condições. Não pretendia desfrutar do furto, mas do roubo em si e do pecado. (AGOSTINHO, 2014, p. 56)

Segundo ele, havia gosto de enganar aquelas pessoas que achariam impossível que ele tivesse cometido aquele feito detestável. Pergunta-se por qual motivo se deleitava com aquilo. Em suas palavras Agostinho diz (2014, p. 62) “Seria porque ninguém facilmente se ri quando está só?”. Conclui que com certeza não faria aquilo se estivesse sozinho, porque o que causava prazer não era o produto do roubo, mas o ato de roubar junto dos outros. Acaba por abominar tais amizades, que incitam uns aos outros a fazer coisa que só produzem vergonha e, por vezes, prejuízo alheio. Pode-se então, fazer uma analogia deste comportamento por Santo Agostinho com o de alguns alunos em sala de aula. A indisciplina na escola é um problema que atinge não só o professor, mas também os colegas daqueles alunos que vão para a sala de aula pensando em qualquer coisa, menos em aprender e estudar. E o problema só aumenta com a formação de grupos, onde acontece a proteção mútua destes alunos indisciplinados.

Sejam alunos indisciplinados ou os bens comportados que transformam o seu comportamento ao estarem dentro do grupo, ambos se protegem usando uma espécie de camuflagem. Nesse sentido procurarei ilustrar o assunto com o conteúdo de um vídeo do Professor Jordan Peterson, psicólogo da Universidade de Toronto, no Canadá. Em uma entrevista ele resolve contar uma história associada ao uso da linguagem, que segundo ele pode ser usada como camuflagem. Ele usa o exemplo de um livro chamado “Por que as zebras não têm úlceras?” de Robert Sapolsky, cientista e escritor estadunidense. Peterson se refere a uma parte do livro em que Sapolsky fala das listras das zebras, que são vistas como camuflagem, mas estando na savana, junto aos leões, estes últimos sim é que estão camuflados, e as zebras por terem listras pretas e brancas, destacam-se na paisagem. A camuflagem então, é em relação ao rebanho e, sem qualquer forma de distinção entre elas, as mesmas somem como indivíduos. Se forem identificadas, os predadores as abatem. A segurança está, desta forma, no grupo e, de forma análoga é o que acontece com os alunos inseridos no grupo. O fato é que eles até mesmo através da linguagem, protegem-se de quem está fora, usando sempre os mesmos termos como modo de defesa.

#### 4. CONCLUSÕES

Concluindo, o bispo de Hipona usa a aproximação com Deus como a solução para afastar-se dos vícios, como o roubo, pois, segundo Agostinho (2014, p. 63), em Deus haveria “grande tranquilidade e uma vida imperturbável”. Diz ele que, na adolescência, afastou-se de Deus, mas sabe que, voltando à Ele, não precisará ter receio e viverá no bem perfeito.

Para nós, futuros educadores, já não são suficientes as palavras de Santo Agostinho, tal o afastamento dos jovens em relações ao valores fundamentais que tornariam mais fácil a compreensão do que dizia o bispo de Hipona.

Não há uma fórmula definitiva, mas talvez ao separar o indivíduo do rebanho, identificando e tratando o problema com seriedade, investigando todas as possibilidades, até mesmo de problemas familiares, possa se ajudar a melhorar a integração destes alunos no ambiente escolar, de forma que eles não sintam a necessidade de se inserir em grupos nocivos ao seu desenvolvimento.

Este trabalho ainda está sendo elaborado e será usado, em parte, para uma proposta de artigo final para a conclusão de meu curso.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BITE-SIZED PHILOSOPHY. **Jordan Peterson – Human motivation and zebra camouflage**. Toronto, 6 jun. 2017. Acessado em 03 set. 2019. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0V-jF9iurHA>

SAPOLSKY, R. **Por que as zebras não têm úlceras?** Brasília, DF: Editora Francis, 2008.